

— Sim, disse afinal em patoá; sim, meu filho, tu estás aí. Podes levantar a cabeça! Estás aí e não prestas contas a ninguém. O dono, não é? O meu dono? Tens razão. És mais vivo que eu e falas menos. John Thomas! É a ela que queres? Queres a tua Lady Jane? Tu me fizeste recair, podes vangloriar-te disso. Sim, ergues a cabeça e sorris. Pois toma-a! Entra em Lady Jane! Dize: "Portas, abri e a glória do rei entrará!" Ah! Que escândalo! Um cono! Eis o que queres. Dize a Lady Jane que queres um cono! John Thomas e o cono de Lady Jane!

— Não judie com ele! exclamou Constance, avançando de joelhos na cama, abraçando a cintura do amante e atraindo-o de modo que os seus seios lhe acariciassem a cabeça do falo ereto. E apertou o braço.

— Deite-se, disse ele. Deixe-me montar.

Mellors não resistia à urgência.

Depois que voltaram à tranqüilidade, a mulher quis novamente examinar o misterioso falo do homem.

— Oh! Estás agora pequenino e meigo como um broto murcho de vida! Mas como é belo! Tão independente, tão estranho! É tão inocente! E penetra em mim tão no fundo! É preciso nunca ofendê-lo, sabe? Ele é meu também, não seu só! Meu, meu! Tão belo e inocente. E Constance acariciava o pênis abatido.

Mellors ria-se.

— "Bendito seja o laço que une os corações num mesmo amor."

— Sem dúvida! concordou ela. Mesmo quando fica pequenino e murcho, sinto meu coração encadeado a ele. E como são lindos os pêlos aqui. Tudo diferente dos outros!

— É o cabelo de John Thomas, não o meu, acentuou ele.

— Oh! John Thomas! John Thomas! exclamou. Constance beijou o pênis que começava a fremir.

— Sim, concordou o homem estirando-se quase dolorosamente. Ele tem a raiz na minha alma. Às vezes não sei o que fazer dele. Teimoso e difícil de contentar-se — mas de nenhum modo eu quereria perdê-lo.

— Compreendo por que os homens têm medo disto, observou Constance. É terrível, sim.

Um frêmito percorreu o corpo de Mellors, com uma onda de vida acumulando-se embaixo. Sentia-se sem forças, enquanto o pênis, às golfadas, inchava, subia, endurecia, até ficar rijo e presunçoso, curiosamente no ar como uma torre. A mulher tremia ao contemplá-lo.

— Tome-o! É seu, disse ele.

E Constance fremiu; e seu espírito fundiu-se. Agudas e deliciosas ondas de indizível prazer rolavam sobre ela, como que a penetravam, criando esse longo frêmito fundido que se espalhava pelo seu corpo e a levava ao extremo.

Os sons das sereias de Stacks Gate anunciando as sete horas! Mellors, num leve estremecimento, afogou a cabeça nos seios de Constance para nada ouvir. E Constance nada ouviu. Permaneceu estendida, imóvel, a alma transparente, como que lavada.

— Tem que ir-se, não é? murmurou Mellors.

— Que horas são? perguntou ela com voz sem timbre.

— Sete.

— Sim, acho que tenho de ir.

As necessidades exteriores sempre a irritavam.

Mellors ergueu-se e ficou a olhar pela janela, sem ver.

— Ama-me, não é? balbuciou Constance.

— Você sabe o que sabe. Que quer mais? foi a sua resposta, um tanto irritada.

— Quero que me conserve aqui, que não me deixe partir, disse ela.

Os olhos dele estavam plenos de trevas quentes e doces.

— Quando? Agora?

— Agora, no seu coração. Mais tarde virei viver com você para sempre.

Mellors sentou-se na cama, nu, a cabeça baixa, incapaz de pensar.

— Não quer que seja assim? perguntou ela.

— Quero, e encarou-a com olhos travessos onde havia uma chama de vida que parecia sono.

— Não me peça mais nada agora, disse ele. Deixe-me. Amo-a muito! Amo-a quando está deitada aqui. Uma mulher é uma alta coisa quando podemos fornicá-la a fundo. Amo-a, sim — essas pernas, essas formas, a feminilidade que há em você. Amo-a com todos os meus colhões e com todo